



UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

HELOÍSA DE MOURA VIEIRA

**CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE IMPULSIVIDADE DE
BARRATT EM ADOLESCENTES**

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

HELOÍSA DE MOURA VIEIRA

**CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE IMPULSIVIDADE DE
BARRATT EM ADOLESCENTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Forense

Linha de Pesquisa: Avaliação Forense

Orientador: Prof. Dr. Leandro Kruszielski

CURITIBA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca “Sydnei Antonio Rangel Santos”
Universidade Tuiuti do Paraná

V665 Vieira, Heloísa de Moura.

Características psicométricas da escala de impulsividade de Barratt em adolescentes / Heloísa de Moura Vieira; orientador Prof^o.dr^o. Leandro Kruszielski.
43f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

1. Impulsividade. 2. Avaliação psicológica forense. 3. Barratt.
I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia/
Mestrado em Psicologia. II Título.

CDD 152.22

Nome: Heloísa de Moura Vieira

Título: Características Psicométricas da Escala de Impulsividade de Barratt em Adolescentes

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Forense.

Aprovado(a) em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professor Doutor Amer Cavalheiro Hamdan

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Assinatura: _____

Professor Doutora Giovana Veloso Munhoz da Rocha

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura _____

Professora Doutora Paula Inez Cunha Gomide

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura _____

Professor orientador Doutor Leandro Kruszielski

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura _____

“Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé”.
Apóstolo Paulo, 2º Timóteo 4:7

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus pelo sustento e amparo em todo o andamento deste mestrado. Por estar presente em todas as situações da minha vida.

Gostaria de agradecer aos meus três orientadores. Ao Professor Dr. Plínio Marco de Toni pelo incentivo e crédito que deu a mim no início da pesquisa, todas orientações e conselhos foram muito válidos. A Professora Dra. Giovana Munhoz da Rocha, por me amparar no momento de transição entre orientadores. Por sua amizade, confiança e conselhos desde o meu primeiro ano da graduação, obrigada por ter ajudado e incentivado a chegar até aqui. Ao Professor Dr. Leandro Kruszielski por sua dedicação e ajuda em momentos tão cruciais, por tornar a estatística divertida e por todas as orientações, muito obriga. Agradeço ao membro da banca Professor Dr. Amer Cavalheiro Hamdan.

Aos meus amados pais, Ana Paula e Ney, sempre presentes, me incentivando e apoiando em toda a minha vida, muito obrigada por serem os meus portos seguros. E as minhas amadas irmãs, Nathália e Gabriela, obrigada por compreender o estresse e nervosismo, obrigada por serem sempre tão amigas. Ao meu amado noivo, Denis, tão prestativo e compreensivo com minhas ausências, ansiedades e distrações, obrigada por me acalmar sempre.

Meus sinceros agradecimentos a todos os envolvidos nesta pesquisa.

Vieira, H. M. (2014). *Características Psicométricas da Escala de Impulsividade de Barratt em Adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Forense, Universidade Tuiuti do Paraná.

Resumo

Visando mensurar a impulsividade para melhor avaliação psicológica forense, considerando que o constructo está relacionado a vários transtornos psiquiátricos e de personalidade, como o Transtorno de Personalidade Antissocial. A Escala de Impulsividade de Barratt é uma das mais indicadas para realizar a avaliação e ainda não possuiu padronização no Brasil. O objetivo da pesquisa foi avaliar características psicométricas de fidedignidade e validade da escala de Impulsividade de Barratt para população adolescente, do sexo masculino, aplicada em cento e setenta e sete indivíduos, entre 14 e 20 anos, em Curitiba e região metropolitana, Paraná. Os participantes foram subdivididos em três grupos: Atletas; Estudantes do Ensino Médio; Universitários. A consistência interna, calculada pelo alfa de Crombach foi considerada adequada, mas a fidedignidade, calculada utilizando a correlação de Pearson, encontrada foi limítrofe. Não foi possível calcular a Análise Fatorial, por não preencher os requisitos necessários. Não observou-se evidências de Validade de Critério comparando-se o resultado entre os grupos atletas, universitários e estudantes do Ensino Médio. O teste apresentou alguns importantes parâmetros psicométricos adequados para adolescentes do sexo masculino.

Palavras-chave: Impulsividade; Avaliação psicológica forense; Barratt;

Vieira, H. M. (2014). Psychometric Characteristics of *Barratt Impulsiveness Scale in Adolescents*. Master's Degree Dissertation, Postgraduate Program in Forensic Psychology, Universidade Tuiuti do Paraná.

Abstract

Aiming to measure impulsivity to better forensic psychological assessment, considering that the construct is closely related to several psychiatric disorders and Antisocial personality disorders. The Barratt Impulsiveness Scale is one of the most suitable to perform the evaluation and there are still no patterning in Brazil. The research objective was to evaluate the psychometric characteristics of reliability and validity of the Barratt Impulsiveness Scale for teenagers, male, applied in one hundred seventy-seven subjects, between 14 and 20 years, in Curitiba and metropolitan region, Paraná. The participants were divided into three groups: Athletes; High school students; University. The internal consistency, measured by Cronbach's alpha was considered adequate, but the reliability, calculated using the Pearson correlation found was borderline. It was not possible to calculate the factor analysis, because it did not complete the necessary requisites. There was no evidence of criterion validity by comparing the results between the groups athletes, university and high school students. The test showed some important psychometric parameters suitable for male adolescents.

Keywords: Impulsiveness; forensic psychological evaluation; Barratt;

SUMÁRIO

	Pg.
LISTA DE FIGURAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
Psicologia Forense	11
Avaliação Psicológica.....	13
Psicopatologia Forense e Psiquiatria Forense.....	15
Construção de Instrumentos Psicométricos.....	17
Impulsividade	19
Escala de Impulsividade de Barratt.....	20
Estudos Brasileiros da Escala de Impulsividade de Barratt.....	22
OBJETIVO.....	24
MÉTODO.....	25
RESULTADO E DISCUSSÃO.....	27
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	41
1 Escala de Impulsividade de Barratt.....	42
2 Termo de Conscientimento Livre e Esclarecido.....	43

LISTA DE FIGURAS

	Pg.
1	
Boxsplot do Resultado da Escala BIS-11 comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio	30
2	
Boxsplot do Resultado da Subescala Motora comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio	32
3	
Boxsplot do Resultado da Subescala Atencional comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio	32
4	
Boxsplot do Resultado da Subescala Planejamento comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio	33

A impulsividade é um constructo presente no cotidiano da sociedade e está presente em vários transtornos psiquiátricos e de personalidade, como o Transtorno de Personalidade Antissocial. Dessa forma a impulsividade está em constante relação como estudo da Psicologia Forense, principalmente em estudos com adolescentes infratores, pois essa população reproduz em sua relação com o mundo um padrão de comportamento conhecido como Antissocial (G. V. M. Rocha, 2008).

A Psicologia Forense tem como cerne a avaliação psicológica, pois auxilia na avaliação e contribui como prova em um processo legal, entre outras contribuições (Gomide, 2011). A avaliação psicológica forense têm base na testagem. Nesse sentido há a necessidade de estudos e pesquisas que contribuíssem para o aumento e melhora de instrumentos psicométricos para serem utilizados com tal finalidade. Observa-se ainda a falta de instrumento psicométrico que avalie a impulsividade na realidade brasileira de adolescentes.

A impulsividade é caracterizada por padrões comportamentais e cognitivos. Impulsividade é caracterizada por agir no impulso do momento em resposta a estímulos imediatos, agindo de forma momentânea, sem um plano ou a consideração dos resultados. O indivíduo impulsivo tem dificuldade de estabelecer e seguir planos. Este fenômeno está presente em diversos transtornos de personalidade, nos transtornos de controle de impulso e nos distúrbios psiquiátricos interferindo assim no relacionamento do indivíduo com a sociedade. A impulsividade está presente nos seguintes transtornos: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade; Transtorno Bipolar; Transtorno de Ansiedade; Transtorno Obsessivo-Compulsivo; Transtorno de Personalidade Antissocial; Transtorno de Personalidade Borderline; entre outros (DSM – V, American Psychiatric Association, 2013).

A escala de impulsividade de Barratt (BIS 11) é um teste psicológico desenvolvido para

mensurar a impulsividade. A escala contém 30 itens, autoaplicáveis e avalia a impulsividade sob três aspectos: motora, falta de planejamento e atencional (atenção) (Patton et al, 1995). Esta escala ainda não possui versão padronizada para a realidade brasileira.

Alguns estudos vêm sendo realizados para concretizar a adaptação da BIS 11, Von Deimen et al (2006) realizaram um estudo com objetivo de adaptar os itens para o português e realizar a validação de constructo da escala. Os autores correlacionaram a BIS 11 com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno desafiador opositivo e sintomas de transtorno de conduta. No estudo citado foi conferida validade de constructo à escala. Na mesma linha, o estudo de Malloy-Diniz et al (2010) teve como objetivo traduzir, adaptar culturalmente e verificar a equivalência literal, semântica e idiomática da escala proposta por Ernst Barratt. Os autores concluíram por meio de análises quantitativas que a versão final do instrumento é satisfatória.

Tendo conhecimento, da importância de detectar a impulsividade na população forense, da contribuição para a avaliação psicológica para a psicologia forense e da falta de instrumentos psicológicos para a população brasileira, levantam alguns questionamentos. O questionamento que esta pesquisa buscou investigar foi se a Escala de Impulsividade de Barratt possui boas características psicométricas para adolescentes de 15 a 20 anos, do sexo masculino.

Psicologia Forense

A Psicologia Forense é a denominação para a área da Psicologia que se relaciona com o Sistema de Justiça. Refere-se à área de conhecimento psicológico que tem algum tipo de envolvimento com a Lei. Bartol e Bartol (2008) definem como o processo de investigação que analisa aspectos do comportamento humano diretamente relacionados com o processo legal, e também como a prática profissional da psicologia dentro, ou em colóquio com um sistema legal, abrangendo tanto o direito civil como o penal. Os autores (Bartol & Bartol, 2008) afirmam que a

prática da psicologia forense inclui investigações, estudos, avaliações, aconselhamento para advogados, pareceres consultivos (*advisory opinions*) e depoimentos ou testemunhos para ajudar na resolução de litígios relativos à vida ou à propriedade perante aos tribunais legais. Gomide (2011) explica que a Psicologia Forense é uma ciência autônoma que se manifesta de forma paralela, nunca subordinada ao Direito.

A Psicologia Forense, também podendo ser chamada de Jurídica, foi regularizada no Brasil com a Resolução nº 014/2000, do Conselho Federal de Psicologia. Instituído-se a partir de então a titulação de especialidade em Psicologia Jurídica, integrando a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (CFP, 2000). Porém, respeitável especialista da área, Gomide (2011) orienta a utilização do termo Psicologia Forense (*Forensic Psychology*), pois é o mais utilizado mundialmente e nas principais publicações da área.

Em 2007 uma nova resolução, Resolução CFP nº 013/2007 (CFP, 2007) revoga a resolução anterior, especificando mais funções da especialidade de Psicologia Jurídica. Sendo elas: avaliar as características de personalidade e fornecer subsídios ao processo judicial; aplicar métodos e técnicas psicológicas e/ou de psicometria para auxiliar em processos; atuar em pesquisas e programas sócioeducativos e de prevenção à violência, construindo ou adaptando instrumentos de investigação psicológica. Ainda realizar avaliação das características da personalidade, por meio de triagem psicológica, avaliação de periculosidade e outros exames psicológicos no sistema penitenciário; realizar atendimento à crianças envolvidas em situações que chegam às instituições de direito; desenvolver estudos e pesquisas na área criminal, constituindo ou adaptando instrumentos de investigação psicológica.

As definições de áreas de atuação da Psicologia Forense determinadas pela Resolução CFP nº 013/2007 (CFP, 2007) refletem o percurso histórico da Psicologia Jurídica no Brasil segundo Brito (2005). Também regulariza as competências profissionais dos psicólogos forenses, atendendo

à demanda profissional nos diversos trabalhos e artigos resultantes do III Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica, ocorrido em São Paulo, no ano de 1999 (Zolet, 2009).

Avaliação Psicológica

A avaliação psicológica forense, definida por Gomide (2011) é o cerne da psicologia forense. Nesse sentido o trabalho realizado por um psicólogo forense deve identificar quadros psicopatológicos com o objetivo de indicar a responsabilidade de cada indivíduo.

A perícia forense é uma forma utilizada para a avaliação psicológica forense, sendo considerada como prova, a fim de incluir nos autos processuais uma informação técnica que o juiz desconheça por ultrapassar o conhecimento técnico-jurídico, com objetivo de investigar (Rovinski, 2004). O objetivo da perícia forense é esclarecer situações e fatos controversos, decorrentes de conflitos, buscando a apuração das responsabilidades. É um meio de prova, mas não se constitui como verdade soberana, pois está sujeita a uma análise minuciosa. O resultado da perícia se apresenta por meio de laudos técnicos (Rovinski, 2004).

No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia regulamenta a atividade pela resolução n. 007/2003 que institui o *Manual de Elaboração de Documentos Escritos* produzidos pelo psicólogo, decorrente da avaliação psicológica. O manual citado, entre outras informações, orienta que o profissional deve se basear exclusivamente em instrumentos técnicos (entrevistas, testes, observações, etc.).

O termo avaliação psicológica tem sido usado para descrever um conjunto de procedimentos com o objetivo de coletar dados para testar hipóteses clínicas, produzir diagnósticos, descrever o funcionamento de indivíduos ou grupos e fazer previsões sobre comportamentos ou desempenho (Hutz, 2009). Pasquali (2011) afirma que a avaliação psicológica pode ser entendida como um processo de coleta de dados que busca descrever e classificar comportamentos. Essa coleta se dá

através de instrumentos psicológicos, principalmente por testes psicométricos (Anastasi & Urbina, 2000; Urbina, 2007). Primi (2010) afirma que a avaliação psicológica é geralmente entendida como uma área aplicada, técnica, de produção de instrumentos para o psicólogo. E que não é simplesmente uma área técnica produtora de ferramentas profissionais, mas sim a área da psicologia responsável pela operacionalização das teorias psicológicas em eventos observáveis.

Observa-se um movimento crescente para a realização da avaliação psicológica específica dos tópicos da psicologia forense, com a utilização de instrumentos específicos para avaliar objetos de estudo em interface com a justiça. A maior contribuição para avaliações psicológicas forense foi de Robert Hare com o desenvolvimento da Escala Hare de Avaliação da Psicopatia (PCL-R) (Hare, 1991). Podendo ser citado também o estudo de Schaefer et al (2012) da Perícia Psicológica para identificar situações abuso sexual em crianças e adolescentes, como forma de prova judicial, visto a dificuldade da materialidade por meio de exames médico-legal.

O estudo de Pechorro et al. (2008) fez uma caracterização psicológica de uma amostra forense de abusadores sexuais. O objetivo da pesquisa foi de identificar diferenças no estilo de personalidade de abusadores sexuais de crianças portuguesas e verificar a sua consistência com as características psicológicas demonstradas nos estudos internacionais, recolheu informações sobre as características do tipo de abuso cometido. A amostra da pesquisa foi de 41 homens em regime prisional e foi utilizado um instrumento para avaliação da personalidade, nomeado Millon Clinical Multiaxial Inventory-II (MCMI-II; Choca & Van Denburg, 1997, citado por Pechorro et al., 2008). Com esse estudo os autores verificaram que a categoria de personalidade mais saliente na pesquisa foi a denominada: Padrões de Personalidade Clínico, indivíduos com característica dependente, compulsivo, evitante e esquizóide.

Outro estudo que pode ser citado é a Escala de Violência Psicológica contra Adolescentes de Avanci et al. (2005) que teve o objetivo de apresentar estratégias e resultados da adaptação

transcultural de uma escala de violência psicológica, para ser utilizada em amostras brasileiras. E teve como resultado de sua pesquisa a aplicabilidade do instrumento para a população a que se propõe. Outra pesquisa que pode ser citada, Scortegagna e Villemor-Amaral (2012), que objetiva verificar a extensão e importância da utilização do Método de Rorschach como instrumento de avaliação psicológica de vítimas de abuso sexual. Tiveram como conclusão que o Método Rorschach destaca-se como um dos instrumentos de melhor eficácia para esse contexto descrito.

Para concluir, pode-se citar a pesquisa de Schraiber et al. (2010) que busca validar um instrumento do estudo World Health Organization Violence Against Women (WHO VAW) sobre violência psicológica, física e sexual por parceiros íntimos contra mulheres. O método dessa pesquisa cita foi um estudo transversal realizado em vários países, inclusive no Brasil, realizou-se análise factorial exploratória das 13 perguntas feitas sobre violência (sendo essas perguntas: 4 de violência psicológica, 6 de violência física e 3 de violência sexual). Os autores concluíram com essa pesquisa que o instrumento mostrou-se adequado para estimar a violência de gênero contra a mulher, perpetrada por seu parceiro íntimo, podendo ser utilizada para outros estudos sobre o tema.

Psicopatologia Forense e Psiquiatria Forense

A Psiquiatria Forense corresponde à interface entre psiquiatria e direito, respeitando todas as situações que levantam alguma dúvida a respeito da capacidade de uma pessoa de avaliar as consequências de seu comportamento. Permitindo decidir a respeito da imputabilidade (responsabilidade penal) ou inimputabilidade (ausência da responsabilidade penal). Também avalia a capacidade de um indivíduo quanto a gerir bens e tomar decisões referentes a ele mesmo, entre outras situações como o parecer psiquiátrico após um acidente de trabalho e como competência em exercer função parental. Pode também avaliar se a capacidade descrita é transitória ou definitiva (F. Rocha, 2008).

Para F. F. Rocha (2008), a Psiquiatria Forense exerce essa competência a pedido de juízes, advogados, famílias envolvidas num processo, a vítima ou o réu. O autor (F. F. Rocha, 2008) afirma que a maior parte dos problemas levantados pela psiquiatria forense é: Personalidade Psicótica; Personalidade Dissocial; Personalidade Impulsiva; Personalidade Narcísica; Personalidade Borderline; Personalidade Sádica. Afirma que a inimputabilidade pode ser aplicada para casos psiquiátricos como a esquizofrenia, as psicoses afetivas, as síndromes cerebrais orgânicas, o alcoolismo e outras tóxico dependências, e as neuroses. Nos casos de o distúrbio de personalidade o autor afirma que são o melhor exemplo de imputabilidade, sobrepondo à Psicopatia ou a Personalidade Antissocial.

Dalgarrondo (2008) afirma que o indivíduo com Transtorno da Personalidade Tipo Impulsivo tem por característica: tendência marcante a agir impulsivamente, sem considerar as consequências; instabilidade afetiva; acessos de raiva intensos; explosões comportamentais. Essas características impulsivas, também estão presentes em indivíduos com Transtorno de Personalidade Antissocial. Patterson, Reid e Dishion (1992) afirmam que as demonstrações de comportamento antissocial podem surgir desde dois anos de idade, no momento em que crianças são consideradas de temperamento difícil, com tendência a destruir objetos e agredir seus cuidadores. Tendo ainda padrão de comportamento desobediente, impulsivo e tende ao estabelecimento do Transtorno Desafiador de Oposição (G. V. M. Rocha, 2008).

Segundo o DSM – V, o Transtorno de Personalidade Antissocial têm por característica essencial um padrão invasivo de desrespeito e violação de regras, ou direito dos outros, que se inicia na infância ou início da adolescência e continua na idade adulta. Existem sete critérios para a caracterização do Transtorno de Personalidade Antissocial, sendo um desses critérios a impulsividade ou a falha de planejar com antecedência (American Psychiatric Association, 2013).

Para Gomide (2011) a Psicologia Forense procura prevenir o desenvolvimento do

comportamento antissocial, identificando os comportamentos precocemente. Dessa forma o desenvolvimento de pesquisas para introduzir instrumentos psicométricos de impulsividade se torna de extrema importância para o avanço da ciência nesse sentido no Brasil.

Construção de Instrumentos Psicométricos

A construção do instrumento psicométrico é uma etapa muito importante da Avaliação Psicológica. Primi (2010) afirma que os instrumentos são meios padronizados de se conseguir indicadores comportamentais que podem revelar as diferenças individuais nos constructos, traços latentes ou processos mentais subjacentes. Presume que os traços latentes são as variáveis que causam os comportamentos, manifestados na testagem. Dessa forma, para o autor o processo de medida consiste em uma via indireta que torna possível concluir sobre o constructo que se deseja avaliar.

Para Pasquali (2011) a psicometria procura explicar o sentido das respostas dadas por um indivíduo em uma série de itens, determinadas por um constructo que se deseja avaliar. Após escolher o constructo é necessário passar pelos procedimentos teóricos onde se incluem as etapas de estabelecimento do sistema ou a variável a ser medida; desenvolvimento da teoria psicológica para esse constructo, definindo-o pela literatura; e a análise teórica dos itens. Com os itens constituídos inicia os procedimentos empíricos, que consiste na definição da amostra de sujeitos e a aplicação dos itens para essa amostra. Então deve ser feita a análise semântica para poder avaliar e verificar a compreensão das tarefas (itens) e se são inteligíveis para o estrato mais baixo da população meta. Determinando após essas etapas a forma final do instrumento psicométrico.

A unidimensionalidade dos itens tem como objetivo de verificar se o instrumento mede apenas o constructo a que se propõe. Pode ser definida a unidimensionalidade baseada na análise fatorial. A análise fatorial consiste numa série de técnicas estatísticas que trabalham com análises

multivariadas e matrizes. É de extrema importância para obter a validade e a fidedignidade de um instrumento. Essa técnica estatística é baseada em uma série de variáveis medidas que pode ser explicada por um número menor de variáveis hipotéticas, não observáveis, chamadas de fatores, que se relacionam entre si, havendo correlação (Pasquali, 2011). Primi (2010) afirma que a análise factorial é usada com objetivo de sistematizar as correlações entre indicadores, de forma a inferir os factores unitários. O próximo passo é a discriminação dos itens, cálculos estatísticos que discriminam magnitudes diferentes do constructo, diferenciando indivíduos com escores altos no teste de sujeitos com escores baixos (Pasquali, 2011).

Prosseguindo com a validade, que constitui um parâmetro de medida, verificação do constructo relacionado aos itens. Os estudos de validade tentam provar a relação de causa entre as variações do constructo subjacente e as variações nos indicadores comportamentais avaliados pelo instrumento, justificando, os sentidos atribuídos aos escores em relação ao constructo (Primi, 2010). A validade pode ser do constructo, avaliando a teoria aplicada. Pode ser de critério, pautado em algo externo, como grupo controle e grupo experimental ou utilizando outro teste que avalie o mesmo constructo. Pode ser de conteúdo, identificando se o conteúdo do teste tem o mesmo conteúdo do constructo (Pasquali, 2011). Para Anastasi e Urbina (2000) a validade de constructo verifica se o teste constitui uma representação adequada do constructo teórico. Já a validade de critério avalia a eficácia do teste em predizer o desempenho de um grupo específico de indivíduos. Para Pasquali (2011) a validade de critério de um teste o grau de eficácia que ele tem em predizer um desempenho específico de um sujeito.

A precisão ou fidedignidade pode ser por teste-reteste, que avalia a estabilidade da medida, ou com a consistência interna, por meio da técnica *Split-Half* (técnica das metades). Por fim, a normatização refere-se a necessidade de existir uniformidade em todos os procedimentos no uso de um teste já validado e preciso (Pasquali, 2011).

Impulsividade

Nas últimas décadas, tem se estudado a impulsividade, pois apesar de sua relevância, o constructo não foi explicitamente definido. Moeller, et al (2001) levantam a possibilidade de que essa falta de especificidade sobre a impulsividade se dá pelas divergências na literatura de como definir e medir tal constructo.

A definição mais aceita é a de Moeller, et al (2001) que a caracterizam por ação rápida, mudança de ação sem julgamento consciente, nível inferior de planejamento e comportamento impensados. A impulsividade se apresenta de três formas: motora (relacionada a falta de inibição de respostas incoerentes ao contexto); atencional (relacionada a tomada de decisão rápida); falta de planejamento (não planejamento e não pensar cuidadosamente no futuro).

Daruna e Barnes (1993) conceituam impulsividade como sendo uma vasta gama de ações que são mal concebidas, de forma prematura, com risco demasiado, ou inapropriados para a situação e que muitas vezes resultam em consequências indesejáveis. Já os estudos de Eysenck e Eysenck (1977, citado por Lorr e Wunderlich, 1985) comenta a definição dos itens tradicionalmente considerados no constructo impulsividade. Estes itens dividem-se em quatro fatores: Impulsividade Restrita (*narrow impulsiveness*), ato de correr riscos (*risk-taking*), não planejamento (*non-planning*), e vivacidade (*liveliness*). Pode se observar que os modelos de impulsividade que se propõe a serem diferentes da definição mais aceita, acabam sendo parecidos da definição proposta por Moeller, Barratt et al. (2001).

Lorr e Wunderlich (1985) comentam a Escala de Impulsividade de Barratt afirmando que uma análise dos itens da BIS (Patton et al, 1995) revelou quatro fatores: velocidade da resposta cognitiva (*speed of cognitive response*), falta de controle de impulsos (*lack of impulse control*), excitação de busca (*excitement-seeking*), e o ato de correr risco (*risk-taking*).

Escala de Impulsividade de Barratt

Barratt criou em 1959 a *Barratt Impulsivity Scale* (BIS) (Patton et al, 1995), que atualmente está na décima primeira versão. O objetivo inicial da escala foi relacionar a impulsividade com ansiedade e com eficiência psicomotora. Em *Impulsivity: Integrating Cognitive, Behavioral, Biological and Enviromental Data* (1993), Ernest S. Barratt conta como surgiu a escala desenvolvida por ele. Relata que em meados da década de 40 e 50 ao analisar as matrizes de intercorrelações em escalas psicométricas de personalidade, o autor observou que existia um conjunto de itens que sugeria uma característica de impulsividade.

Ao analisar esses itens, Barratt observou uma correlação relativamente baixa com os itens de ansiedade. No entanto, os vários inventários que relacionavam a impulsividade não apareceu ampla o suficiente para medir uma predisposição em direção à variabilidade individual do comportamento. Por isso, reescreveu alguns itens de escalas selecionadas e outros itens foram adicionados por ele para chegar a sua primeira versão da Barratt Impulsivity Scale (Barratt, 1959, 1993).

Como parte de um laboratório de ensino de psicologia clínica, Barratt solicitou que seus alunos preenchessem as escalas de impulsividade e ansiedade, para poder relacionar sua pontuação na escala com as performances em várias tarefas do laboratório. O resultado desta experiência confirmou a relação de ansiedade de desempenho, nas tarefas e demonstrou que a impulsividade também estava relacionada com o desempenho (Barratt, 1993). Durante a década de 60, Barratt insistiu em duas linhas gerais de investigação com base em seus primeiros resultados: continuou os estudos laboratoriais tentando compreender melhor a relação da biologia da impulsividade com as medidas do desempenho no teste, e continuou a revisão da BIS (Barratt Impulsivity Scale) para chegar a um conjunto de itens mais homogêneos para diferenciar da ansiedade (Barratt, 1993).

Barratt em suas pesquisas constatou que indivíduos com maior impulsividade tiveram

problemas com "planejar o futuro" nessas tarefas do laboratório, identificado por meio do Porteus Maze Test (Barratt, 1967, citado em Barratt, 1993). A partir de então iniciou uma busca por correlações cerebrais destes comportamentos encontrados nos estudos citados, de 1963 a 1976 (trabalhos selecionados incluem Barratt, 1963a, 1967a; Barratt, Creson, & Russell, 1968; Francois, Barratt, & Harris, 1970; McDiarmid & Barratt, 1969; citado em Barratt, 1993).

Para Barratt e Patton (1983) a pessoa impulsiva geralmente: age sem pensar, age no calor do momento, está inquieto quando necessário permanecer sentado, gosta de correr riscos, tem dificuldade de concentração, e é uma pessoa que age e não um pensador. Já a pessoa ansiosa, normalmente tem consciência das funções corporais em situações estressantes (cora, mãos sudorese, náuseas, batimentos cardíaco), preocupa-se excessivamente, é tenso, sente-se mais sensível do que outras pessoas, tem dificuldade em dormir por causa das preocupações, não é calma e se irrita facilmente. Essencialmente, a impulsividade envolve o controle da expressão de pensamentos e ações, enquanto a ansiedade envolve os sentimentos sobre os estímulos externos ou internos. Para Miller (1969, citado em Barratt, 1993) a impulsividade envolve o sistema neural que inclui, principalmente, inter-relações entre o córtex orbito frontal, núcleos do sistema límbico (especialmente a amígdala baso lateral), núcleos dos gânglios da base e cerebelo.

A sexta versão da escala (BIS-6) continha seis subescalas: controle motor, variabilidade intraindividual, interesses impulsivos, assumir riscos, relações interpessoais, e controle dos impulsos. As intercorrelações dessas subescalas foram .48 ou menos ($N= 149$). A pontuação total BIS-5 .82 correlacionada com o score total da BIS-6. Barratt tinha relacionado a BIS-5 com outras medidas selecionadas de impulsividade e ansiedade, e tinha confirmado, em geral, que a impulsividade e ansiedade eram domínios separados da personalidade, como notado anteriormente. Em contraste com a BIS-5 e a BIS-6, a décima versão da escala (BIS-10) foi desenvolvida mais tarde na base dos resultados globais de pesquisa e continham apenas três sub-escalas: motor,

cognitivo, e planejamento futuro (Barratt, 1993). O fator cognitivo adicionado à décima versão foi posteriormente retirado pelo autor por não terem encontrados dados consistentes para mensurar tal fator (Barratt, 1993).

De acordo com as afirmações de Stanford e cols. (2009), a escala é um dos instrumentos mais utilizados para avaliar a impulsividade no âmbito de pesquisa e de investigações clínicas no exterior. A versão atual da escala (BIS-11), de Patton, Stanford e Barratt (1995), fornece informações relacionadas as três subescalas, motor, atencional e falta de planejamento.

Estudos Brasileiros da Escala de Impulsividade de Barratt

Em pesquisas nos artigos científicos relacionados à BIS-11 foram encontrados duas pesquisas brasileiras a respeito da escala. A primeira foi a Adaptação e Validação de constructo da Escala de Impulsividade de Barratt (BIS-11) para o português do Brasil para o uso em adolescentes de Von Diemen et al (2007). Objetivo do estudo foi adaptar para o português e realizar a validação de constructo da escala de impulsividade de Barratt para adolescentes.

Como método utilizado os pesquisadores inicialmente traduziram independentemente a escala para o português, fazendo a tradução e retrotradução. Depois foram avaliadas propriedades psicométricas, análise fatorial e validade de constructo em duas amostras: 18 estudantes de medicina bilíngues e 464 adolescentes masculinos, entre 15 e 20 anos. Como resultados os autores obtiveram um coeficiente de correlação intraclasse foi de 0,90 e a consistência interna teve α de 0,62 para os trinta itens. A análise fatorial não identificou os três fatores da escala original. Os escores de impulsividade da escala de impulsividade de Barratt foram correlacionados com os escores para os transtornos de déficit de atenção e hiperatividade e para o número de sintomas de transtorno de conduta, conferindo validade de constructo à escala. Concluíram então que mesmo considerando as limitações da versão brasileira, a escala de impulsividade de Barratt poderia ser

utilizada em adolescentes masculinos (Von Diemen et al, 2007).

Outra pesquisa brasileira com a escala, foi a intitulada Tradução e adaptação cultural da Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11) para aplicação em adultos brasileiros, de Malloy-Diniz et al (2010). Os objetivos da pesquisa foram traduzir, adaptar culturalmente e verificar a equivalência literal, semântica e idiomática do instrumento proposto por Barratt.

Inicialmente a escala foi traduzida em conjunto com um grupo de seis pesquisadores bilíngues, sendo um psiquiatra, quatro psicólogos e um neurologista. Na segunda etapa uma tradutora norte-americana, fluente em português e inglês, fez a tradução reversa da versão obtida na primeira etapa. Na terceira fase da pesquisa o grupo de especialistas avaliou a equivalência literal, idiomática e semântica entre a tradução e a retrotradução, então foi obtido um resultado da escala chamado de versão síntese. Na quarta etapa as versões originais e síntese foram aplicadas em duas amostras bilíngues compostas por adultos recrutados pelos pesquisadores. Na última etapa outra amostra foi recrutada, os participantes eram brasileiros que moravam nos Estados Unidos a mais de 7 anos (Malloy-Diniz et al, 2010).

Os pesquisadores consideraram válida a versão final obtida, e ainda que a escala tinha sido útil na caracterização dos diferentes tipos de impulsividade medidos pelo modelo de Barratt e tem sido traduzida para diversos idiomas desde a primeira publicação há 50 anos. Além disso, ela tem se mostrado útil na identificação de diferentes padrões de impulsividade em diversas patologias, como o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, o transtorno afetivo bipolar, esquizofrenia, o transtorno por uso de substância, o jogo patológico, entre outras já citadas. Também tem sido bastante útil em estudos em neurobiologia da impulsividade (Malloy-Diniz et al, 2010).

Objetivo

Geral

O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar os parâmetros psicométricos de validade de critério e precisão da Escala de Impulsividade de Barratt (BIS-11, versão de tradução de Mollot-Diniz et al, 2010) em adolescentes do sexo masculino.

Específico

Os objectivos específicos foram: Mensurar o grau de Fidedignidade presente na escala; Calcular a Consistência interna do instrumento; Descrever a Estrutura Fatorial da Escala; Buscar evidências de Validade de critério;

Método

Participantes: A escala foi aplicada em 177 indivíduos, do sexo masculino. A faixa etária foi de 15 a 20 anos. Do total de participantes 123 foram adolescentes e praticantes de futebol, que configuraram como grupo de atletas. A amostra de atletas de futebol de alta performance foi escolhida pois a literatura indica que atletas impulsivos tendem a tomar decisões rapidamente (Lage et al., 2012), sendo assim se destacam de outros indivíduos podendo ser esses atletas impulsivos a maioria na amostra escolhida. Outro grupo da amostra, 16 participantes, foram estudantes do primeiro ano do curso de psicologia de uma universidade particular de Curitiba, estado do Paraná. O terceiro grupo, foram 38 participantes, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de um Colégio Estadual, em que os atletas citados acima frequentam.

Local: Os participantes atletas nas dependências do Centro de Treinamento de um clube de futebol profissional, localizado em Quatro Barras, cidade da região metropolitana de Curitiba, no estado do Paraná. Os participantes universitários nas dependências de uma universidade particular de Curitiba, estado do Paraná. Os participantes estudantes do ensino médio nas dependências de um Colégio Estadual, localizado em Quatro Barras, cidade da região metropolitana de Curitiba, no estado do Paraná.

Instrumento: A pesquisa utilizou como instrumento a Escala de Impulsividade de Barratt – BIS 11 (Patton et al, 1995) (Anexo 1) que contém 30 itens, autoaplicáveis e avalia a impulsividade pelo aspectos da impulsividade motora, falta de planejamento e impulsividade atencional. Possui escala do tipo Likert de quatro pontos, a saber: 1- raramente ou nunca; 2- de vez em quando; 3- com frequência; 4-quase sempre/sempre. A pontuação da escala varia de uma máxima de 65 pontos à uma mínima de 25 pontos negativos, sendo que altos escores indicam a presença de comportamentos impulsivos. Além do escore global, a BIS-11 permite o cálculo de escores parciais referentes a três subescalas da impulsividade, sendo eles a impulsividade motora (itens 2, 3, 4, 16,

17, 19, 21, 22, 23, 25 e 30*) atencional (itens 6, 5, 9*, 11, 20*, 24, 26, 28) e por falta de planejamento (itens 1*, 7*, 8*, 10*, 12*, 13*,14, 15*, 18, 27, 29*), os itens assinalados com asterisco possuem pontuação negativa. Na impulsividade motora a máxima de pontuação da subescala é de 39 pontos e mínima de 6 pontos. Na subescala atencional a pontuação máxima é de 22 pontos e mínima de 2 pontos negativos. A subescala planejamento a pontuação máxima é de 4 pontos e mínima de 29 pontos negativos.

Procedimentos: Inicialmente a pesquisadora entrou em contato com as instituições as quais se pretendia aplicar a pesquisa. Após obter a autorização foi encaminhado o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética. Após a aprovação do Comitê de Ética, CAAE: 25994613.5.0000.0103 (número do parecer: 533.261), a pesquisadora recrutou os adolescentes para participarem da pesquisa. Os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2) e a pesquisadora e realizou a aplicação do teste (Anexo 1) que durou aproximadamente de 30 minutos em cada uma das três etapas.

Resultados e Discussão

Análise de Dados

A análise dos dados utilizou o SPSS e se deu da seguinte forma: o parâmetro da unidimensionalidade foi verificado através do coeficiente alpha de Cronbach. Para analisar a estrutura fatorial foi utilizado o método de Análise de Componentes Principais. Na precisão, o parâmetro psicométrico de fidedignidade foi analisado através da técnica das metades (split-half). Os métodos para análise de dados se deram conforme técnicas da psicometria (Pasqualli, 2011).

Para a validade de critério, foi comparado o desempenho na BIS-11 entre grupos, como mencionado por Pasqualli (2011), quais sejam: Para a comparação intergrupar foi utilizado o teste paramétrico t de student e o teste não-paramétrico U de Mann-Whitney de acordo com o tamanho da amostra.

Descrição da Amostra

A amostra foi composta por 177 participantes ($N=177$), com média de idade de 16,7 anos e com Desvio Padrão de 1,38, sendo 15 anos a idade mínima e 20 anos a máxima. A média de escolaridade da amostra ($N=150$) foi de 10,78 anos de estudo e Desvio Padrão de 1,19, sendo 6 anos a escolaridade mínima de 12 anos a máxima. Alguns participantes da pesquisa ($n=27$) não conseguiram indicar a sua escolaridade, pois haviam abandonado os estudos.

O grupo dos atletas ($n=123$) obteve uma média de idade de 16,42 anos, $SD = 1,39$, a idade mínima foi de 15 anos e a máxima de 20 anos. No quesito escolaridade a amostra de atletas ($n=96$) teve o mínimo de 6 anos e máxima de 12 anos de estudo, configurando uma média de 10,49 anos de estudo ($SD = 1,36$). Esses indivíduos moram nas dependências do clube (alojamento) e seguem uma série de regras internas rígidas com possibilidade de penalidades caso de não cumprimento das

mesmas. Todos os atletas têm a obrigatoriedade de estarem matriculados e estudando até a conclusão do Ensino Médio. Esses atletas têm em média sete treinos por semana, com duração de três horas e pelo menos um jogo oficial por semana. Na tabela abaixo pode-se visualizar a descrição da amostra.

Participantes	n	Idade Mínima	Idade Máxima	Média de Idade	Média Escolaridade
Atletas	123	15	20	16,42 (1,39)	10,49
Universitários	16	17	20	18,31 (1,13)	13
Ensino Médio	38	16	18	16,92 (0,85)	12

Tabela 1. Descrição da amostra por idade e escolaridade.

Por esses atletas não terem incentivos para ingressar em um Ensino Superior, muitos encerram com os estudos ao concluírem o terceiro ano do Ensino Médio e por isso tem idade semelhante dos estudantes universitários, por esse motivo foi escolhida a amostra de universitários para tornar viável a comparação. O grupo dos universitários ($n=16$) teve idade mínima de 17 e máxima de 20 anos, com média de 18,31 anos de idade ($SD = 1,13$). Todos os estudantes universitários estavam cursando o primeiro ano da graduação.

O grupo de estudantes do Ensino Médio ($n = 38$) foi escolhido por ter uma realidade de condições de estudo e moradia parecida com a dos atletas, morarem na mesma região da cidade e estudarem no mesmo colégio. A média de idade foi de 16,92 anos, sendo a idade mínima de 16 e a máxima de 18 anos, desvio padrão de 0,85. Todos os alunos estavam cursando o terceiro ano do

Ensino Médio.

Resultados do Instrumento

No cálculo da Fidedignidade, o coeficiente alfa de Cronbach encontrado foi $\alpha = 0,732$. Apresentou-se como adequada a consistência interna, visto que se aceitam geralmente valores de α entre 0,7 e 0,8 como bons indicativos de fidedignidade (Field, 2009). Na pesquisa de Von Diemen et al (2007) foi encontrada na consistência interna $\alpha = 0,762$ para os 30 itens. Ou seja, a consistência interna encontrada nesta pesquisa foi pior se comparada com a da pesquisa de Von Diemen et al (2007), mas ainda mostra que há uma boa consistência interna.

No método das duas metades (*split-half*), foi utilizada a correlação de Pearson com correção de Spearman-Brown e encontrado $r = 0,7268$ ($p < 0,001$). De acordo com Pasquali (2011), um coeficiente de correlação neste método abaixo de 0,80 é considerado fraco e abaixo de 0,70 inaceitável. A fidedignidade da BIS-11, neste caso, pode ser considerada aceitável, o resultado poderia ser melhor, pondo em dúvida qualidade psicométrica da fidedignidade da escala.

Para a estrutura fatorial, foi necessário investigar inicialmente os requisitos para a realização da Análise Fatorial (Field, 2009). A matriz de correlações não apresentou correlações maiores do que 0,30 em mais de 50% de seus itens, conforme seria necessário para realizar uma Análise Fatorial. A porcentagem de correlações que deveriam ser acima de 0,30 entre os itens, foram de apenas 6,67%, sendo esse resultado muito abaixo do esperado. O Índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi de 0,682, abaixo do índice de 0,80 necessário para realizar o procedimento estatístico. O critério do teste de esfericidade de Barlett foi significativo e pode ser cumprido ($\chi^2 = 993,05; p < 0,001$). Com esses resultados encontrados nos três requisitos necessários para a realização da Análise Fatorial, sendo apenas um satisfatório, não pode ser verificada a Unidimensionalidade da escala BIS-11, versão brasileira. A figura 1 mostra que os três grupos tiveram uma mediana muito semelhante, assim como uma variabilidade de respostas.

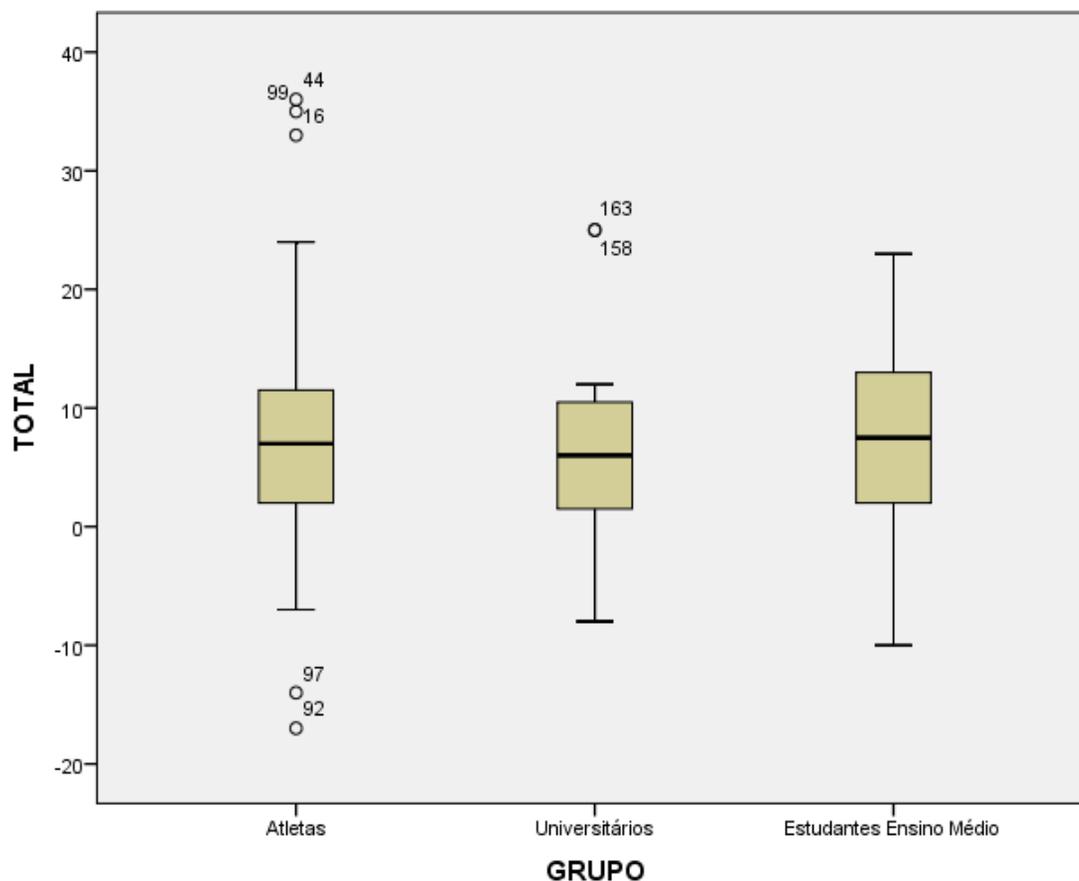


Figura 1. Boxsplot do resultado total da Escala Bis-11 comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio.

Na investigação da validade de critério comparou-se o resultado total da BIS-11 e de suas subescalas (motora, atencional e planejamento) entre o grupo de atletas e de estudantes do Ensino Médio e de atletas e universitários. Utilizando-se o teste de diferença de médias *t* de *student* para a comparação entre estudantes do Ensino Médio e atletas, não foi encontrada diferença significativa entre os dois grupos para a o escore total da escala ($t = 0,023$; $p = 0,982$), para a subescala Motora ($t = -0,048$; $p = 0,962$), subescala Atencional ($t = -1,639$; $p = 0,120$) e subescala Planejamento ($t = 1,912$; $p = 0,058$).

Ou seja, partindo do princípio que atletas deveriam apresentar maior números de respostas que indicassem impulsividade, como afirma a literatura (Lage et al., 2012) que atletas impulsivos

tendem a tomar decisões mais rapidamente, interferindo positivamente em sua performance, se esperava que esses tivessem pontuação significativamente maior na escala.

O mesmo padrão foi encontrado na comparação entre Atletas e Universitários. Dada a amostra de tamanho reduzido entre universitários, utilizou-se como instrumento de comparação intergrupala o teste não-paramétrico U de Mann-Whitney. Não foi encontrada diferença significativa para o escore total ($U = 947,00$; $p = 0,807$). O grupo de universitários deveria apresentar respostas indicando menor impulsividade, pois como apontam Araújo e Ramos (2010) a escolaridade e a idade são variáveis moderadoras do impulso. Todos os universitários estavam em no patamar mais alto de escolaridade presente no grupo de atletas e a diferença de idade entre os grupos é estatisticamente significativa ($U = 1668,00$; $p = 0,006$), com idade maior para os universitários. Por esse motivo, esperava-se que os universitários tivessem um escore de impulsividade geral mais baixa que o grupo de atletas e isto não foi verificado. Foi comparada também com a subescala Motora ($U = 939,00$; $p = 0,765$) e subescala Atencional ($U = 793,00$; $p = 0,205$). No entanto, observou-se uma diferença estatisticamente significativa para a subescala Planejamento ($U = 681,50$; $p = 0,045$), com uma pontuação maior na escala para os Atletas.

A figura 2 mostra a comparação dos três grupos na subescala Motora. Pode-se observar que a mediana dos grupos foi muito semelhante, os escores entre eles não demonstra diferença significativa. Da mesma forma pode-se observar essa mesma semelhança entre medianas na figura 3, que compara os três grupos na subescala de impulsividade atencional, apesar da estética do Boxplot (figura 3) os dados não apresentaram diferenças estatísticas significativas.

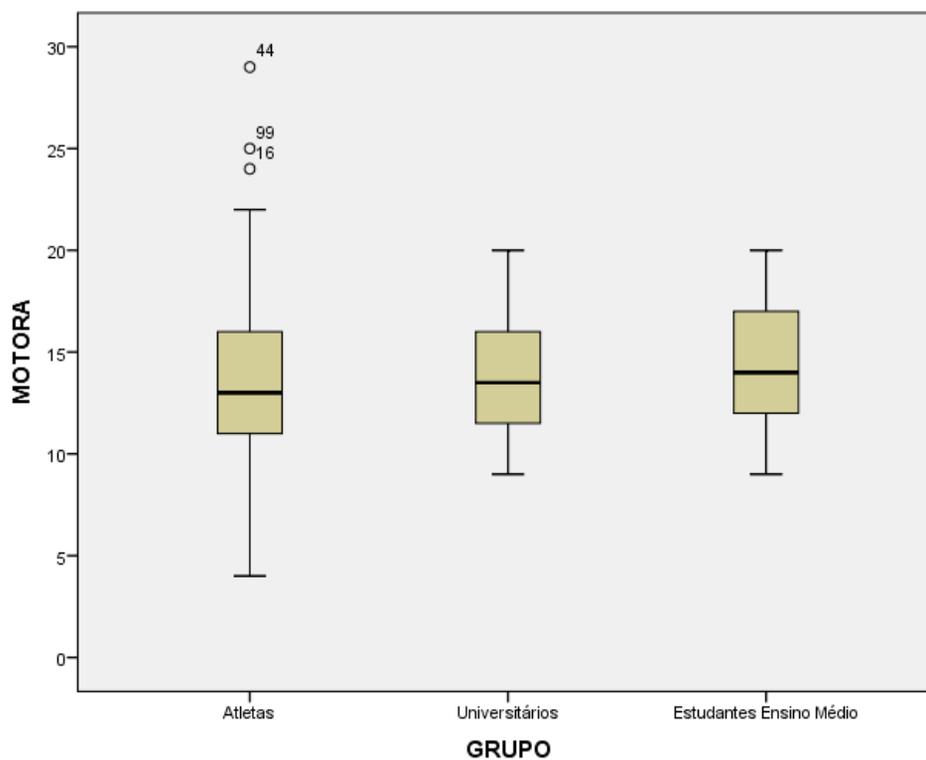


Figura 2. Boxplot do resultado da subescala Motora comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio.

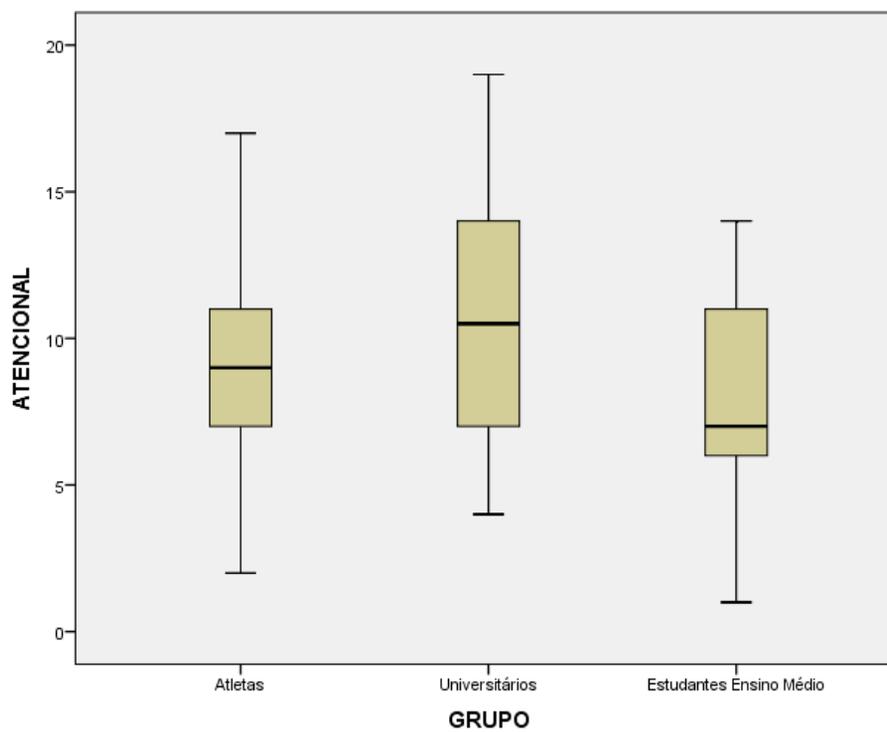


Figura 3. Boxplot do resultado da subescala Atencional comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio.

Já na figura 4 pode-se observar a diferença das medianas na subescala Planejamento. Observando que o grupo de universitários apresenta um melhor planejamento do que os outros dois grupos da amostra. Apesar de apresentar diferença entre os grupos nesse fator, os outros fatores (motor e atencional) não apresentaram. Essa diferença deveria ter sido observadas em todos os fatores e não apenas em um deles, já que a escala se propõe em avaliar a impulsividade em suas três dimensões e não apenas no planejamento.

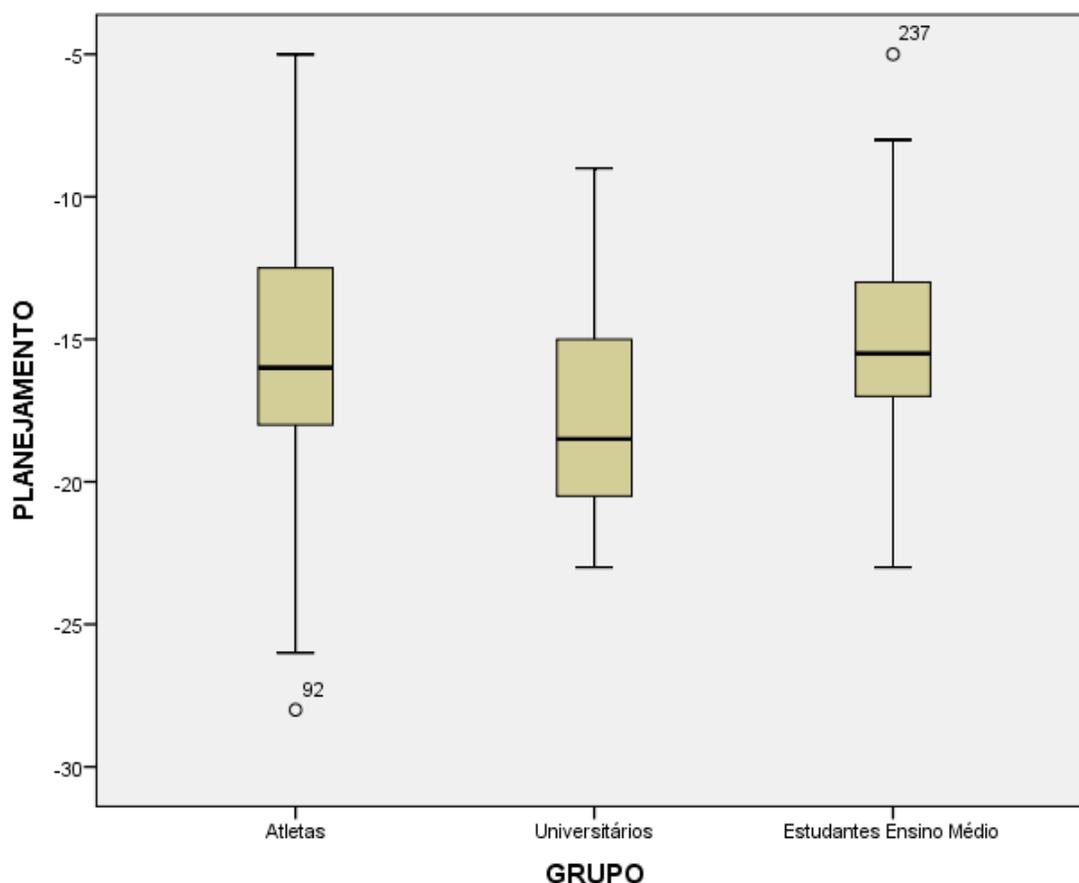


Figura 4. Boxplot do resultado da subescala Planejamento comparando Atletas, Universitários e Estudantes do Ensino Médio.

O grau de eficácia de predição da escala para a impulsividade para adolescentes do sexo masculino parece não ser muito adequado, pois não apresentou sensibilidade suficiente para discriminar os grupos. O fato da validade não poder ser estabelecida para este tipo de amostra visto

que a maioria dos critérios e principalmente o total não mostra diferenças o quanto deveriam sugere impossibilidade de utilização da Escala para a adolescentes do sexo masculino. O único aspecto que mostrou diferença foi Planejamento comparando com universitários, pois como já mostrado por Araújo e Ramos (2010) esse controle de impulsividade era esperado por conta da maior escolaridade. Mas esse score menor de impulsividade era de ser esperado em todas as subescalas e não apenas em uma das três existentes. Com os dados obtidos se torna insuficiente determinar como validade de critério da Escala de Impulsividade de Barratt.

Conclusão

A Psicologia Forense pode se beneficiar com maiores estudos a respeito da impulsividade por se relacionar com transtornos psiquiátricos encontrados em população forense, como no Transtorno de Personalidade Antissocial. A avaliação psicológica é o cerne da Psicologia Forense (Gomide, 2011) sendo os testes psicométricos uma forma de realizar essa avaliação. Sendo que no Brasil ainda não há um instrumento psicométrico de uso exclusivo de psicólogos para avaliar a impulsividade, essa pesquisa foi importante nesse sentido e foi escolhido avaliar as existências de boas características psicométricas da escala de impulsividade mais utilizada mundialmente, a BIS-11.

Com esse estudo se pode observar que a escala apresenta alguns dos indícios dos bons indicadores psicométricos. Não demonstrou boa consistência interna. A fidedignidade (split-half) foi limítrofe, no limite do aceitável. Não foi possível calcular a Análise Fatorial, pois concluiu apenas um dos três requisitos básicos para ser possível o cálculo. Foram encontrados os indícios insuficientes para calcular a validade para adolescentes sexo masculino. O teste apresentou alguns importantes parâmetros psicométricos adequados para adolescentes do sexo masculino.

Apesar desses resultados insatisfatórios da BIS-11, não se pode concluir que o teste não seja válido para outras populações, em outras faixas etárias. Por isso são importantes mais pesquisas, já que é um teste tão importante para várias áreas da psicologia, principalmente na Psicologia Forense, e mundialmente utilizado há mais de cinquenta anos.

O estudo apresentou algumas limitações, como tamanho reduzido da amostra e a escolha do sexo masculino. Recomenda-se para futuras pesquisas da Escala BIS-11 uma amostra mais diversificada, com ambos os sexos, com maior abrangência e buscar outras correlações, como ansiedade e distúrbios psicológicos.

Referências

- American Psychological Association (2012) *Regras essenciais de estilo da APA*. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica* (7 ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Araújo, G.P., & Ramos, A. S. M. (2010). Comportamento de compra por impulso em shopping centers: pesquisa com consumidores de Brasília-DF e Natal-RN. *Revista Eletrônica de Administração - REAd*, 16 (3), 343-364.
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C., Oliveira, R. V. C. (2005). *Escala de Violência Psicológica contra Adolescentes*. *Rev Saúde Pública* 2005; 39(5): 702-8.
- Bartol, C. R. & Bartol, A. M. (2008). *Forensic Psychology: Introduction and Overview. Introduction to Forensic Psychology: Research and Application*. Sage, Los Angeles.
- Barratt, E. S. (1959). Anxiety and impulsiveness related to psychomotor efficiency *Perceptual and Motor Skills*, 9, 191-198.
- Barratt, E. S. (1993) *Impulsivity: Integrating Cognitive, Behavioral, Biological and Environmental Data*. In *The Impulsive Client*. Edited by McCown WG, Johnson JL, Shure MB. Washington, DC.
- Barratt, E. S., & Patton, J. H. (1983). *Impulsivity: Cognitive, behavioral, and psychophysiological correlates*. In M. Zuckerman (Ed.), *Biological bases of sensation seeking, impulsivity, and anxiety*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Brickenkamp, R. (1990). *Teste d2: Atenção Concentrada*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brito, L. M. T. (2005). Reflexões em torno da Psicologia Forense. In: Ramirez, D. C. (org.). (2005). *O Trabalho do Psicólogo no Campo Jurídico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Conselho Federal de Psicologia. (2000) *Resolução CFP nº 014/2000, 20 de dezembro de 2000.*

Institui o título profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Brasília

Conselho Federal de Psicologia. (2003) *Resolução CFP 007, 14 de julho de 2003.* Institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes da avaliação Psicológica e revoga a Resolução CFP 17/2002. Brasília.

Conselho Federal de Psicologia. (2007) *Resolução CFP nº 013/2007, 14 de setembro de 2007.* Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Brasília.

Costa, F. N. e Cruz, R. M. (2005). Organizações de Justiça. In: Ramirez, D. C. (org.). (2005). *O Trabalho do Psicólogo no Campo Jurídico.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.* Porto Alegre: Artmed.

Daruna, J. H., & Barnes, P. A. (1993). A neurodevelopmental view of impulsivity. In W. G. McCown, J. L. Johnson, & M. B. Shure (Eds.), *The impulsive client: Theory, research, and treatment* (pp. 23–37). Washington, DC: American Psychological Association. doi:10.1037/10500-002

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Field, A. (2009) *Descobrimos a Estatística usando o SPSS.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed

Gomide, P.I.C. (2011) *Psicologia forense e suas conexões com as diversas áreas da psicologia.* In: Gondim, S.M.G. & Chaves, A.M. (orgs.). (2011) *Práticas e Saberes Psicológicos e suas Conexões.* Salvador: UFBA.

- Hare, R.D.(1991) PCL-R: The Hare Psychopathy Checklist – Revised. Toronto: Multi –Health Systems.
- Hutz, C. S. (2009). Ética na avaliação psicológica. In C. S. Hutz (Org.). *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica*(pp. 297-310). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lage, G. M., Malloy-Diniz, L. F., Neves, F. S., de Moraes, P. H., Corrêa, H.(2012). *A kinematic analysis of the association between impulsivity and manual aiming control*. Human Movement Science, New York, v.31, n.4, p.1-13, ago, 2012.
- Lago V.M. & Bandeira, D. R. (2009) O uso de instrumentos em avaliação psicológica no contexto do direito de família. Em Rovinski, S. & Cruz, R. M. (Orgs.). *Perspectivas teóricas e processos de intervenção*. São Paulo: Vetor.
- Lorr, M. and Wunderlich R. A. (1985) A Measure of Impulsiveness and its Relations to Extraversion. Em *Educational and Psychological Measurement*; 45: 251
- Malloy-Diniz, L. F. Et al (2010) Tradução e adaptação cultural da Barrat Impulsiveness Scale (BIS-11) para aplicação em adultos brasileiros. *J Bras Psiquiatr* ; 59(2):99- 105.
- Moeller, F. G., Barratt E. S. , Dougherty D. M., Schmitz J. M., Swann A. C. (2001) Psychiatric aspects of impulsivity. *Am J Psychiatry*.;158:1783-93.
- Pasqualli, L. (2011) *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes.
- Patterson, G., Reid,J&Dishion, T. (1992). *Antisocial Boys*. EUA: Castalia Publishing Company.
- Patton JH, Stanford MS, Barratt ES.(1995) Factor structure of the Barratt Impulsiveness Scale.*J ClinPsychol*.1995;51(6):768-74.
- Pechorro, P. S., Poiares, C., Vieira, R. X. (2008). *Caracterização Psicológica de uma Amostra Forense de Abusadores Sexuais*. *Análise Psicológica* (2008), 4 (XXVI): 615-623.
- Primi, R. (2010). *Avaliação Psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o*

- Futuro. Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, 2010, Vol. 26 n. especial, pp. 25-3.
- Rocha, F. F.(2008). *Esboço de psiquiatria forense*. Rev. Latino am. psicopatol. Fundam. 2008, vol.11, n.1, pp. 151-165. ISSN 1415-4714.
- Rocha, G. V. M. (2008). *Psicoterapia analítico-comportamental com adolescentes infratores de alto-risco: modificação de padrões anti-sociais e diminuição da reincidência criminal*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo.
- Rovinski, S.L.R. (2004) *Fundamentos da perícia psicológica forense*. São Paula: Vetor.
- Sadock, B.J., Sadock, V. A. (2007) *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica 9ª Edição*. Porto Alegre: Artmed.
- Schaefer, L. S., Rossetto, S., Kristensen, C. H. (2012). *Perícia Psicológica no Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Abr-Jun 2012, Vol. 28 n. 2, pp. 227-234.
- Schraiber, L. B., Latorre, M. R. O., França, I. J., Segri, N. J., D'Oliveira, A. F. P. L. (2010). Validade do Instrumento WHO VAW STUDY para estimar Violência de Gênero contra a Mulher. *RevSaúde Pública* 2010; 44(4): 658-66.
- Scortegegna, S. A., & Villemor-Amaral, A. E. (2012). *Uso do Rorschach na Investigação do Abuso Sexual Infantil*. Paidéia, 22(5), 271-279.
- Stanford, M. S., Mathias, C. W., Dougherty, D. M., Lake, S. L., Anderson, N. E., and Patton, J. H. (2009). Fifty years of Barratt Impulsiveness Scale: an update and review. *Personality and Individual Differences*, 47, 385-395.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Von Deimen, L et al (2006) Adaptation and construct validation of the Barratt Impulsiveness Scale (BIS 11) to Brazilian Portuguese for use in adolescents. *Rev Bras Psiquiatr.* 2007;29(2):153-6.
- Zolet, S. R. K. D. (2009). Psicologia Jurídica: Relação com o Direiro, a moral e a justiça. *Revista*

da ESMESC, v. 16, n. 22, 2009.

ANEXOS

Anexo 1

Escala de Impulsividade de Barratt

Escala de Impulsividade de Barratt

Participante: _____
 Escolaridade: _____ Idade: _____ Sexo: (F) ou (M)
 Profissão: _____

Instruções: As pessoas são diferentes quanto a maneira como se comportam e pensam em situações distintas. Este é um questionário para medir algumas formas como você age e pensa, não existe resposta certa ou errada. Marque apenas uma alternativa para cada questão. Não pense em nenhuma das questões. Responda rápida e honestamente.

		Raramente /nunca	As vezes	Frequente-mente	Sempre ou quase sempre
01	Eu planejo tarefas cuidadosamente				
02	Eu faço coisas sem pensar				
03	Eu tomo decisões rapidamente				
04	Eu sou despreocupado				
05	Eu não presto atenção				
06	Eu tenho pensamentos que se atropelam				
07	Eu planejo viagens com bastante antecedência				
08	Eu tenho autocontrole				
09	Eu me concentro facilmente				
10	Eu economizo regularmente				
11	Eu fico me contorcendo na cadeira em peças de teatro ou palestras				
12	Eu penso nas coisas com cuidado				
13	Eu faço planos para me manter no emprego				
14	Eu falo coisas sem pensar				
15	Eu gosto de pensar em problemas complexos				
16	Eu troco de emprego				
17	Eu ajo por impulso				
18	Eu fico entediado com facilidade quando estou resolvendo problemas mentalmente				
19	Eu ajo no "calor" do momento				
20	Eu mantenho a linha de raciocínio				
21	Eu troco de casa				
22	Eu compro coisas por impulso				
23	Eu só consigo pensar em uma coisa de cada vez				
24	Eu troco de interesses e passatempos				
25	Eu gasto ou compro a prestações mais do que eu ganho				
26	Enquanto estou pensando em uma coisa, é comum que outras idéias me venham a cabeça ao mesmo tempo				
27	Eu tenho mais interesse no presente do que no futuro				
28	Eu me sinto inquieto em palestras ou aulas				
29	Eu gosto de jogos e desafios mentais				
30	Eu me preparo para o futuro				

Anexo 2

TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa com o objetivo de padronizar a Escala de Impulsividade de Barratt para população adulta.

Esta pesquisa está sendo realizada pela Psicóloga Heloísa de Moura Vieira, CRP 08/17916, discente do Mestrado de Psicologia Forense na Universidade Tuiuti do Paraná, matrícula 0000098695, e está sendo orientada pelo Professor Dr. Leandro Kruszielski, telefone para contato 41 8418-6430.

Para a coleta de dados será necessária a aplicação do instrumento psicológico, que será aplicado coletivamente, com duração de no máximo 30 minutos, Escala de Impulsividade de Barratt – BIS 11. O participante poderá retirar-se da pesquisa a qualquer momento e também poderá recusar-se a responder à perguntas que lhe causarem qualquer tipo de constrangimento.

O participante desta pesquisa não está sujeito a nenhum possível prejuízo e também não receberá nenhum tipo de benefício financeiro, ou seja, não haverá pagamento pela participação. A pesquisadora garante que os dados coletados serão tratados com total sigilo.

Agradeço a sua participação

Participante

RG: _____

Heloísa de Moura Vieira

CRP 08/17916

RG: 8.325.438-6